

O teatro desconcertante de Ionesco no arranque do Festival de Almada

O festival, que começa hoje, recebe amanhã *Saudações*, três textos curtos do dramaturgo franco-romano juntos numa encenação de Álvaro Correia. De 5 a 17 de Julho, no Teatro Joaquim Benite

Gonçalo Frota

A governanta, acabada de entrar em palco a trautear a canção de *O Meu Tio*, filme de Jacques Tati, está com soluços. Mas, apanhada pela surpresa de se ver diante de *O Novo Inquilino* (título desta breve peça de Eugène Ionesco), vestido como um empregado de escritório – tal como o seu primeiro marido – ou como a figura masculina que protagoniza muitos dos quadros de René Magritte, rapidamente recupera desse espasmo do diafragma. Perante o quase silêncio do novo inquilino (Pedro Walter), a governanta (Teresa Gafeira) ocupa quase por inteiro o espaço do discurso, até que, dispensada dos seus serviços, se retira de cena, deixando que dois trabalhadores de uma empresa de mudanças preencham quase por inteiro o espaço do apartamento. E a mobília continuará a chegar e a espalhar-se pelas ruas, pela cidade, entupindo o trânsito e provocando o caos na cidade.

O Novo Inquilino é uma das três peças curtas de Ionesco que Álvaro Correia, desafiado pela Companhia de Teatro de Almada (CTA), juntou sob o título *Saudações*. A produção da CTA é, como acontece todos os anos, uma das primeiras estreias a decorrer durante o Festival de Almada, a decorrer entre 4 e 18 de Julho em várias salas de Almada e Lisboa. No caso, *Saudações* atravessará quase todo o festival, com apresentações de 5 a 17 de Julho, no Teatro Joaquim Benite.

Saudações colhe o título no mais breve destes três textos de Ionesco, que Álvaro Correia parte em três, usando-o como um separador, e em que várias figuras vestidas de igual (a mesma indumentária de Magritte) se cumprimentam entre si, respondendo à pergunta “como vai o senhor?” com uma longa sequência de advérbios de modo – que culminará em “ionescamente”. Como se Ionesco conduzisse o texto para uma total falência da linguagem, para palavras que já nada querem dizer. “É como se eles já não encontrassem uma palavra certa para nomear qualquer coisa”, comenta Álvaro Correia com o PÚBLICO.

Se é com esse peculiar divertimento que *Saudações* abre, encerra e se intromete entre os outros dois textos, pelo meio o encenador esco-



FOTOGRAFIAS: RUI CARLOS MATEUS



***Saudações* colhe o título no mais breve dos três textos de Ionesco que Álvaro Correia utiliza: várias figuras vestidas de igual (a mesma indumentária de Magritte) cumprimentam-se**

No actual contexto sociopolítico, Ionesco sintoniza-se com o que acontece à nossa volta

lheu colocar essas outras peças passadas ambos no interior de um apartamento – *O Novo Inquilino* e *Delírio a Dois*, por ter encontrado em ambos os textos “uma dimensão de isolamento”. “Se no *Novo Inquilino* ele enche a casa com aqueles móveis todos para ficar reduzido a um sítio em que está consigo próprio, numa espécie de isolamento em relação ao mundo, também o casal de *Delírio a Dois* está sempre a dizer que se vai embora, mas não consegue sair do mesmo sítio, preso também ao seu mundo.”

O mundo exterior, um pouco como acontece no teatro de Beckett, parece aqui uma ameaça permanente. Por um lado, temos o novo inquilino que se rodeia de mobiliário com o qual constrói uma barreira de protecção daquilo que não controla lá fora, por outro, um casal (André Pardal e Carla Bolito) em conflito aberto – ela lamenta o dia em que decidiu deixar o marido por este amante, os dois discutem coisas como se tartaruga e caracol são um mesmo animal (ou da mesma família) –, espelho da guerra que acon-

tece no exterior. “É engraçado”, repara Álvaro Correia, “que a paz lhes causa tanto terror como a guerra.” Talvez porque a paz, enquanto espelho da relação, precipita o fim, talvez porque não se sabe o que resultará da vitória de um dos lados sobre o outro.

Nem realista nem verosímil

Álvaro Correia conta que o fascínio de Ionesco pela cena terá começado quando, em pequeno, frequentou o chamado Grand Guignol, teatro na zona de Pigalle, em Paris, famoso por

mostrar histórias de horror, morte e outras declinações sanguinolentas. “Também estas personagens”, compara, “estão sempre à porrada, mas a brincar com a situação”. Por isso, pediu aos actores que não seguissem qualquer tipo de psicologia na análise do texto. Não há que interrogar o porquê de cada personagem dizer aquilo que diz. “A situação e aquilo que espoleta é que interessam, assim como assumir a construção lógica do diálogo.” Um diálogo armadilhado de jogos e de contradições. Mas isso, mais uma vez, é pouco relevante – porque o teatro de Ionesco não tem qualquer ambição de ser realista ou verosímil.

Se Samuel Beckett tinha uma grande admiração por Buster Keaton e pela dupla Laurel & Hardy, Eugène Ionesco, lembra Álvaro Correia, era particularmente fã dos Irmãos Marx. “E aquilo que há de diferente entre eles é que, no caso dos Irmãos Marx, os diálogos são mesmo disparatados, aquilo não tem grande sentido, por vezes são simples brincadeiras de lógica.” A esse universo, que serviu de inspiração à encenação de *Saudações*, juntam-se referências como o cinema de Jacques Tati, a pintura de René Magritte, o pessimismo filosófico de Emil Cioran e um certo surrealismo literário na veia de Boris Vian.

E isto porque há um recurso ao insólito e frequente nas peças de Ionesco. Como quando em *O Novo Inquilino* o mobiliário mais pequeno (vasos ou bancos) é carregado como se pesasse toneladas e os objectos maiores fossem leves como uma pluma, ou quando os móveis deixam de ser trazidos pelos empregados da empresa de mudanças (André Pardal e Bruno Soares Nogueira) e simplesmente irrompem pelo cenário, ou como quando em *Delírio a Dois*, findo o conflito militar nas ruas, o casal é surpreendido no seu apartamento semides- truído por um militar que lhes pergunta se sabem de Jeanette e por vizinhos invejosos por terem perdido a animação da guerra.

No actual contexto sociopolítico mundial, acredita Álvaro Correia, talvez o olhar desconcertante de Ionesco possa sintonizar-se com aquilo que acontece à nossa volta. Se não for capaz de lhe descobrir um sentido, também ninguém se espantará.